

# Historicizando o associativismo negro: contribuições e caminhos da historiografia

Historicizing black associativism: contributions and paths of historiography

Lucia Helena Oliveira Silva\*  
Regina Célia Lima Xavier\*\*

**Resumo:** Este texto buscou fazer um breve balanço das pesquisas sobre associativismo negro no período pós-abolição, apontando os diversos avanços das pesquisas, com especial destaque para o trabalho da historiadora Beatriz Loner.

**Palavras-chave:** associativismo negro; pós-abolição; Beatriz Loner.

1

**Abstract:** This article sought to make a brief balance of research on black associativism in the post-abolition period, pointing out the various advances of research with special emphasis on the work of historian Beatriz Loner.

**Keywords:** black associativism; post-abolition; Beatriz Loner.

\* Prof.<sup>a</sup> do Departamento e Pós-Graduação em História, Unesp/Assis. Doutora em História pela UNICAMP. E-mail: lho.silva@assis.unesp.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8834-569X>.

\*\* Prof.<sup>a</sup> Titular do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em História pela UNICAMP. E-mail: regx17@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3259-3475>.

Ao alvorecer do dia 14 de maio de 1888, depois de passada a euforia pelo final da escravidão, homens e mulheres alforriados puderam finalmente tomar para si seus destinos sem qualquer constrangimento legal às suas liberdades. Contudo, esta ação envolvia grande complexidade. Thomas Holt, por exemplo, em estudo sobre a sociedade pós-emancipação na Jamaica, investigou os diversos sentidos da liberdade para as comunidades egressas do cativo. Ele observou que as iniciativas para evitar a discriminação e promover a igualdade dos libertos foram diminuindo quase que ao mesmo tempo em que leis para controle econômico e político foram efetivadas.<sup>1</sup> Certamente, no Brasil, os libertos, ao traçar planos, contavam com acionamento de redes de amizade e solidariedade. Eles se somaram a inúmeros indivíduos negros libertos ou livres e reforçaram a construção de outras agendas, inclusive a partir do aprendizado de lutas do período anterior, na busca de direitos sociais. A construção de laços de apoio sempre foi constante na vida dos escravizados e agora mais do que nunca se mostrava muito importante para se obter condições igualitárias na vida em sociedade. A construção dessas relações frutificou na construção de entidades de apoio e fazem parte de uma complexa tessitura que chamamos associativismo. Como coloca o historiador Jonatas R. Ribeiro, este conceito é “elástico e tem variações ao longo do tempo”.<sup>2</sup> De fato, podemos entender o associativismo como as diversas formas de agenciamento da comunidade negra no exercício de organização e apoio para melhores condições de vida. Ele podia vir de uma relação de amizade, uma ajuda na obtenção de direitos, denúncia da exclusão, enfim podia englobar uma série de atividades coletivas como a criação de jornais, clubes, escolas, apoio à religiosidade e toda uma série de manifestações em favor da defesa e promoção do grupo.

Tal complexidade levou o pesquisador Mario Medeiros a analisar o conceito de associativismo no pensamento social brasileiro.<sup>3</sup> Para o sociólogo, as formas associativas da comunidade negra vão desde as irmandades às associações políticas e fazem parte da história social, política e cultural do país. Medeiros elencou diversos estudiosos que tentaram definir o associativismo no pensamento social brasileiro, entre os quais destacamos Artur Ramos, Virginia L. Bicudo, Roger Bastide e Florestan

<sup>1</sup> SCOTT, Rebecca; HOLT, Thomas; FONER, Eric (orgs.) **Além da escravidão**: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

<sup>2</sup> RIBEIRO, Jonatas Roque. **Escritos da liberdade**: trajetórias, sociabilidade e instrução no pós-abolição sul-mineiro (1888-1930). Dissertação (mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. p. 15.

<sup>3</sup> SILVA, Mario A. M. Em torno da ideia de associativismo negro em São Paulo. **40º Encontro Anual da ANPOCS**. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/40-encontro-anual-da-anpocs/st-10/st22-6/10371-em-torno-da-ideia-de-associativismo-negro-em-sao-paulo/file>. Acesso em: 11 nov. 2019.

Fernandes. Segundo Medeiros, Artur Ramos, por ocasião do cinquentenário da abolição, fez um balanço historiográfico no qual definiu o associativismo como algo derivado da escravidão e que se manteve depois dela culminando com a criação da Frente Negra. Virginia L. Bicudo, por sua vez, centrou suas pesquisas na compreensão das diversas formas de discriminação racial feitas à comunidade negra, definindo também a Frente Negra como órgão de maior expressão política dos anos de 1930. Mais conhecido pelo seu trabalho, Roger Bastide estudou o associativismo negro e focou sua atenção, especialmente, na imprensa negra paulista, uma das mais profícuas produzidas nas primeiras décadas do século XX. Ao analisar os periódicos, Bastide identificou um grupo ao qual chamou de intelectualidade negra, que usava os jornais para expressar suas opiniões e através deles demonstravam sua capacidade organizativa em prol de lutas sociais. Contemporâneo e colaborador de Bastide, o sociólogo Florestan Fernandes estudou as relações raciais de negros e brancos em São Paulo e verificou as dificuldades enfrentadas pela comunidade negra na vida pós-abolição. Fernandes verificou especialmente as questões ligadas ao mercado de trabalho como a competição por trabalho e a preferência do grupo patronal pelos trabalhadores brancos em especial na área urbana, espaço escolhido para viver por muitos egressos da escravidão. Tal preferência mobilizou o crescimento de diversas ações associativistas nas cidades.<sup>4</sup> Ao traçar um panorama de várias abordagens feitas ao longo do tempo, Medeiros observou que a partir dos anos 1940 houve um crescimento do interesse pelo estudo das relações sociais e a evolução das estratégias de associativismo negro no século XX.

As estratégias do associativismo negro também foram foco de estudos da brasilianista Kim Butler.<sup>5</sup> Ela fez uma análise desse associativismo no período pós-abolição até a metade do século XX e destacou a Frente Negra como órgão de maior expressão. Para ela, a entidade foi fundamental para os afrodescendentes brasileiros nos primeiros 50 anos após a Lei Áurea, por ter se tornado a maior referência política na defesa de direitos sociais, pois, apesar de sua curta vida, obteve grande representatividade nos anos de 1930. Butler observou que o associativismo presente no período unificou as divisões raciais indo além das identificações pardo e mulato, por exemplo, presentes no período da escravidão, resultando na adoção da identidade étnica negra.

Os jornais também foram espaço do associativismo negro no período pós-abolição e fervilharam principalmente nas três primeiras décadas do século XX.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 8.

<sup>5</sup> BUTLER, Kim Butler. Up from Slavery: Afro-Brazilian Activism in São Paulo, 1888-1938. *The Americas*, v. 49, n. 2, p. 180, 1992.

Os estudos de Roger Bastide, Mirian Ferrara, Ana Flavia Pinto e Leandro Guirro buscaram compreender o uso dessa imprensa, seus criadores, temas e denúncias dos problemas que acometiam a vida dos afrodescendentes. Eles apontaram ainda para uma rede de intelectuais negros que circulavam no trabalho com a imprensa e traziam essa experiência para os periódicos negros.<sup>6</sup> Também são importantes enriquecedores os estudos que apontam o interesse e iniciativas pela educação feitas pela comunidade negra. Jonatas R. Ribeiro estudou a história do Clube 28 de Setembro, localizado na cidade de Pouso Alegre, em Minas Gerais. Esse clube nasceu em 1904 e era um espaço dedicado às práticas sociais tais como bailes e festas e respondia também a uma demanda aspirada pela comunidade: a educação. Capitaneado por um grupo de dedicados líderes, o clube além de proporcionar uma boa convivência entre seus associados, empenhava-se através dessa confraternização no oferecimento da instrução aos filhos de seus sócios. Além disso, o clube fazia as atividades assistencialistas apoiando os associados e/ou familiares que por um infortúnio ficassem desassistidos por ocasião de problemas como doença, morte ou desemprego. William Lucindo, a seu turno, trabalhando com São Paulo, fez uma análise das propostas de educação destacando, em primeiro lugar, aquelas feitas pelos jornais da comunidade negra paulista e, em segundo lugar, sublinhando aquela feita pelo Centro Cívico Palmares<sup>7</sup> em prol da escola primária. Analisou, ainda, o Clube 13 de Maio de 1902 que também tinha como um de seus objetivos a educação da população negra. Alessandra Schueler e Gisele Teixeira<sup>8</sup> também estudaram propostas e práticas relativas à educação dos pobres e negros na imprensa carioca nas décadas finais do século XIX. Elas destacaram que mesmo quando ainda vigia a escravidão, havia um forte interesse pela educação apesar da proibição da matrícula de escravizados em escolas públicas.

<sup>6</sup> BASTIDE, Roger. **A imprensa negra do Estado de S. Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1973. FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. 1986. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986. PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Fortes laços em linhas rotas: literatos negros: racismo e cidadania na segunda metade do século XIX**. 2014. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2014. GUIRRO, Leandro Antonio. **Intelectualidade e imprensa negra paulista: os casos do Getulino e Progresso (1923-1931)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, Assis, 2013.

<sup>7</sup> LUCINDO, Willian R. S. **Educação no pós-abolição: um estudo sobre as propostas educacionais de afrodescendentes (São Paulo, 1918-1931)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

<sup>8</sup> SCHUELER, Alessandra F. M.; TEIXEIRA, Giselle B. T. Educar os pobres e os negros: representações, práticas e propostas de educação na imprensa periódica na cidade do Rio de Janeiro (1870-1889). **Revista eletrônica Documento/Monumento**, Cuiabá, v. 15, n. 1, p. 87-106, set. 2015.

Além desses órgãos associativos criados depois da Lei Áurea, citados acima, algumas instituições já existentes, tais como as religiosas, ampliaram suas funções. Em Campinas, São Paulo, a Irmandade de São Benedito fez uma escola para os filhos dos associados que durou três décadas, indo de 1902 a 1936, e só parou com as atividades devido a uma disputa jurídica.<sup>9</sup> Não foi um caso isolado. Perses Maria Cunha,<sup>10</sup> por exemplo, encontrou na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos do Rio de Janeiro práticas que também iam no sentido de possibilitar o acesso da população afrodescendente à escolarização no século XIX. Tal situação é bastante interessante porque as irmandades foram consideradas por muito tempo como espaços de reprodução do domínio senhorial e imposição religiosa.<sup>11</sup> Essas e outras pesquisas têm mostrado, contudo, que elas também foram espaço “de ressignificação de tradições africanas e católicas”.<sup>12</sup> Além disso, como explica Mariana Santos, a entidade religiosa manteve-se como um dos espaços de mobilização de entidades negras em muitos lugares, tal como mostra sua pesquisa sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, importante para a comunidade negra de Salvador-BA<sup>13</sup> no período pós-abolição. Exemplos de associativismo negro têm sido recuperados através de pesquisas e apontam a importância do protagonismo dos libertos e de seus descendentes nas diversas regiões do Brasil.

Para além da questão da educação, citada acima, os clubes representaram outro espaço de mobilização fundamental para a comunidade negra. Eles tornaram o associativismo uma forma, por excelência, de debater questões como os direitos de cidadania, de lazer, além de vários outros aspectos importantes para o desenvolvimento de suas sociabilidades. Petrônio Domingues<sup>14</sup> realizou um estudo sobre dois clubes do interior de São Paulo, na cidade de Rio Claro e, no Rio de Janeiro, estudou três associações (Sociedade Liga dos Homens de Cor, Grêmio Literário 13 de Maio e a Sociedade Beneficente Estrela da Redenção).

<sup>9</sup> SILVA, Lúcia Helena O. Biografias e prosopografia: onde começa e aonde acabam as histórias de militância, Benedito Evangelista, 1909-2000. In: XAVIER, Regina Célia L.; OSÓRIO, Helen (org.). **Do tráfico ao pós-abolição: trabalho compulsório e livre e a luta por direitos sociais no Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2018.

<sup>10</sup> CUNHA, Perses Maria Canellas da. **Educação como forma de resistência: o caso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

<sup>11</sup> MACIEL, Cleber. **Discriminações raciais em Campinas: negros em Campinas (1888-1926)**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1987.

<sup>12</sup> XAVIER, Regina Lima. **Religiosidade e Escravidão, século XIX: Mestre Tito**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

<sup>13</sup> SANTOS, Mariana de Mesquita. **Pelas contas do rosário: cidadania na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho no Pós-Abolição (Salvador, 1888-1930)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

<sup>14</sup> DOMINGUES, Petrônio. Esses intemoratos homens de cor: o associativismo negro em Rio Claro (SP) no pós-abolição. **História Social**, Campinas, n. 19, p. 109-134, segundo semestre de 2010.

Estas últimas, inclusive, criadas em 1888, são a prova de um ativismo imediato dos libertos e seus descendentes. Seja em São Paulo ou no Rio de Janeiro, o autor encontrou entre as associações diferentes posicionamentos políticos, o que demonstrou, segundo ele, que a comunidade negra “não constituía um bloco monolítico”. No caso paulista, no entanto, ele aponta que, apesar de haver diferenças, os clubes ali eram unânimes no apoio e na defesa da Frente Negra, considerada o maior espaço de representação dos negros. Talvez por dinâmicas como essas, Domingues conclua que as expectativas de cidadania e igualdade dessas diferentes entidades passavam pelas diversas experiências político-culturais que cada uma havia vivenciado.

Essa diversidade nas formas de mobilização, bem como a riqueza das experiências narradas acima certamente dialogam com a história do ativismo negro no Rio Grande do Sul. Para abordá-lo, vamos citar a fundamental contribuição da historiadora Beatriz Loner. Para além de sua contribuição regional destacamos, todavia, o profícuo diálogo que seu trabalho nos abre com os debates nacionais, assim como com aqueles referentes às experiências históricas do Prata.

## **Associativismo e trajetórias negras no Rio Grande do Sul**

O Rio Grande do Sul teve um grande ativismo negro, antes e depois de 1888. Integrou as novas agendas do pós-abolição, a forte tradição política e de lutas empreendidas durante a experiência escravista. Grande produtora de charque, no final do século XIX a região recebeu um fluxo migratório da Europa Ocidental ao mesmo tempo em que perdeu alguns trabalhadores que, ainda escravizados, foram transferidos para a região do café. Ali esses europeus conviveram com aqueles trabalhadores já existentes, quais sejam, os brancos de pequenas propriedades, livres pobres negros e ex-escravizados. Esses movimentos migratórios modificaram consideravelmente a composição da população local e promoveram uma acirrada concorrência nas ofertas de trabalho. Embora o trabalho escravo tivesse sido fundamental para as atividades econômicas, as possibilidades de acesso à terra e ao trabalho foram mais vantajosas para os brancos nacionais e europeus. Estes últimos tinham ainda, a seu favor, a construção de um imaginário que ia, aos poucos, os elegendo como trabalhadores ideais ao mesmo tempo em que apagava da memória a importância dos antigos trabalhadores escravizados e invisibilizava a presença dos trabalhadores negros livres.

Nesse quadro, a construção de um novo regime político aliou-se à ideia de uma nação cuja modernidade deveria desvencilhar-se do passado escravista,

somada às ideias do racismo científico e darwinismo social. Esse conjunto de fatores pesou a favor dos imigrantes e contra os afrodescendentes, o que certamente contribuiu para a mobilização associacionista negra. O ativismo pós-abolição teria sido nutrido nesse contexto e em defesa das demandas e do território negro no Rio Grande do Sul.

Provavelmente foi nessa perspectiva que Beatriz Loner analisou, inicialmente, o período pós-abolição. Destacamos em seus escritos a reflexão sobre a história dos trabalhadores e, nela, a problematização do papel dos trabalhadores negros, a importância das ações deles para a construção de espaços políticos e sociais fundamentais em um momento em que se erigia a classe operária. Importantes também foram suas investigações sobre as lutas dos negros empreendidas em busca de formas de lazer, do acesso à educação, entre tantas outras demandas essenciais para se compreender o protagonismo que tiveram após a abolição. Ao longo de toda sua trajetória, Loner teve as experiências dos trabalhadores e dos afrodescendentes como foco.<sup>15</sup> Esse campo de estudos foi aos poucos se enriquecendo e nele é notável a influência de Loner, que marcou toda uma geração de estudantes e pesquisadores.

Com a ampliação dos cursos de pós-graduação, dissertações e teses relativamente numerosas enriqueceram as pesquisas ao aprofundarem as investigações sobre o tema do trabalho e problematizarem a mobilidade social dos negros. O campo de estudos do pós-abolição foi aos poucos se consolidando e se abrindo para outros trabalhos e autores. Destacamos, nesse sentido, as reflexões sobre o trabalho escravo, compulsório e livre na virada do século XIX e início do XX, assim como as experiências de trabalho e de vida dos quilombolas em meados do século XX.<sup>16</sup> A formação de uma cultura negra também foi contemplada em trabalhos voltados tanto para regiões rurais, tais como quilombos, quanto no contexto urbano

<sup>15</sup> Nos idos anos de 1999, ela era acompanhada pela pesquisa de Muller que investigava a formação e atuação de uma elite intelectual e econômica negra, debruçando-se sobre a importância do associativismo para a ascensão social dos negros. MULLER, Liane Susan. **As contas de meu rosário são balas de artilharia**. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.

<sup>16</sup> AGUILAR, Maria do Carmo. **Famílias negras no Planalto Médio do Rio Grande do Sul (1940-1960): terra, migração e relações familiares**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Idem. **Experiências de trabalho de libertas, libertos e seus descendentes em Cruz Alta no Rio Grande do Sul (1870-1900): uma abordagem social**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. ARAÚJO, Thiago. **Desafiando a escravidão: fugitivos e insurgentes negros e a política da liberdade nas fronteiras do Rio da Prata (Brasil e Uruguai, 1842-1865)**. 2016. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. KROB, Bruna. **“Com a condição de servir gratuitamente a mim ou a meus herdeiros”**: alforrias, contratos e experiências de trabalho de libertos (Porto Alegre, 1884-1888). Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

de Porto Alegre no pós-abolição.<sup>17</sup> A questão das identidades sociais que entrelaçam experiências de classe, de gênero e raciais, não esteve ausente, sublinhando, ainda, a importância dos bairros negros e de suas sociabilidades.<sup>18</sup> O tema do associativismo e da imprensa negra também frutificou em estudos que valorizaram as trajetórias da intelectualidade negra e seu protagonismo no Rio Grande do Sul e no Prata.<sup>19</sup> Sem pretender fazer aqui um vasto inventário dessa rica produção, menciono rapidamente esses poucos trabalhos recentes apenas para acentuar a expansão desse campo de reflexão.

Beatriz Loner, sempre generosa na troca de experiências de pesquisa e nos debates historiográficos, esteve sempre presente, como referência importante nos estudos do tema, nos *Encontros de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Passaremos a narrar, em seguida, a convivência que tivemos com ela na organização e realização desses eventos.

## Beatriz Loner: debates historiográficos e trocas de pesquisa

Escrever para este dossiê que homenageia Beatriz Loner é também recordar. Testemunhar o privilégio de ter conhecido seu entusiasmo pela pesquisa, sua dedicação ao trabalho acadêmico e a seus alunos, sua tenacidade e, sublinhar sua

<sup>17</sup> MOLET, Claudia Daiane Garcia. **Parentescos, solidariedades e práticas culturais:** estratégias de manutenção de um campesinato negro do Rio Grande do Sul (do século XIX ao tempo presente). Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. BOHER, Felipe Rodrigues. **A música na cadência da história:** raça, classe e cultura em Porto Alegre no pós-abolição. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. MONTEMEZZO, Laura Ferrari. **Um galho na árvore da música negra:** movimento Hip Hop e Rap no ensino de história e nas relações étnico-raciais da educação básica. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

<sup>18</sup> WEIMER, Rodrigo de Azevedo. **Felisberta e sua gente:** consciência histórica e racialização em uma família negra no pós-emancipação rio-grandense. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2015. ROSA, Marcus V. F. **Além da invisibilidade:** história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição. Porto Alegre: EST Edições, 2019. SILVA, Sarah Amaral Calvi. **Entre as malhas repressivas e o sistema de justiça:** os significados da cor em contextos de criminalidade na cidade de Porto Alegre (1935-1941). 2018. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

<sup>19</sup> PERUSSATTO, Melina Kleinert. **Arautos da liberdade:** educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal O Exemplo de Porto Alegre (c. 1892 - c. 1911). 2018. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. MAGALHÃES, Magna Lima. **Entre a presteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul:** associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira (Novo Hamburgo/RS). 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010. GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da Princesa e de São Benedito:** identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988). 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. SILVA, Fernanda Oliveira da. **As lutas políticas nos clubes negros:** culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960). 2017. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. SANTOS, José Antônio. **Prisioneiros da História:** trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. 2011. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.



enorme contribuição para a historiografia do Rio Grande do Sul e do Brasil. Nossa narrativa se inicia lá pelos idos anos de 2003. Convencidos que o trabalho do historiador não precisa ser necessariamente solitário, havíamos formado um grupo de pesquisa no CNPq intitulado *A experiência dos africanos e seus descendentes no Brasil*.<sup>20</sup> Ali tentávamos reunir pesquisadores do tema que pudessem ter projetos em comum. Foi quando recebemos o convite de José Augusto Leandro, amigo e professor da Universidade Estadual em Ponta Grossa, para realizarmos um simpósio na cidade de Castro, no Paraná, com o patrocínio da prefeitura e da Secretaria de Educação e Cultura. Esta última tinha na sua direção Roni Cardoso Filho, que nos recebeu com particular entusiasmo. Foi uma oportunidade ímpar para que pudéssemos fazer alguns amigos, reunir pesquisadores, conhecer alguns autores e estudantes, construir afinidades na troca de experiências de pesquisa, estabelecer redes de atuação profissional. Castro, decididamente, não estava localizada dentro de um circuito acadêmico e não fomos ali excessivamente numerosos, embora tenham comparecido pesquisadores renomados.<sup>21</sup> Entre doutores, mestres e graduados, 38 pessoas apresentaram trabalhos e abriram suas investigações para o debate. Vale a pena destacar que a construção de um fórum como aquele era muito importante para nós. Ao fazermos um levantamento bibliográfico inicial, havíamos constatado que embora existissem alguns trabalhos importantes no sul do Brasil sobre o tema da escravidão e da liberdade muitos dentre eles eram quase desconhecidos nacionalmente. Os artigos publicados em periódicos acadêmicos nos anos 1990, por exemplo, tinham primordialmente uma circulação local ou regional. Naquele momento, é preciso registrar, as revistas locais não eram digitalizadas nem estavam disponíveis na internet.<sup>22</sup> Ao reunir pesquisadores de diferentes regiões, o evento em Castro nos permitiu discussões alargadas e inspiradoras.

Castro era uma cidade longínqua, se pensarmos no trajeto percorrido por Beatriz Loner desde Pelotas. Já desde esse primeiro momento, ela esteve conosco trazendo sua experiência como pesquisadora e professora. Bastante atuante na pesquisa sobre a história do trabalho, havia estudado em seu livro *Construção da Classe: operários de Pelotas e Rio Grande*<sup>23</sup> a formação da classe operária

<sup>20</sup> O grupo originalmente era composto por Beatriz G. Mamigonian, Lucia Helena Oliveira Silva, Regina Celia Lima Xavier, Sandra Rita Molina, José Augusto Leandro. Para maiores informações sobre o grupo ou para recuperar os textos citados ao longo deste artigo, consulte-se a página: [www.escravidaoeliberdade.com.br](http://www.escravidaoeliberdade.com.br).

<sup>21</sup> Destacamos os conferencistas Robert Slenes e Ilka Boaventura.

<sup>22</sup> Para maiores detalhes sobre essa produção, consultar: XAVIER, Regina Celia Lima. **Escravidão e liberdade no Brasil Meridional**: guia bibliográfico. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

<sup>23</sup> LONER, Beatriz. **Construção de classe**: operários de Pelotas e Rio Grande. 2. ed. Pelotas: Ed. UFPel, 2016.

gaúcha, tendo essas duas localidades como foco, durante a Primeira República. Sua pesquisa, como já mencionamos, foi pioneira ao estabelecer um vínculo entre as experiências das associações negras com as associações de classe operária. Na pauta dos debates estava justamente a necessidade de se construir pontes entre a história dos escravizados e aquela dos operários livres, entendendo que ambas as experiências faziam parte da história dos trabalhadores. Esta questão era mais citada do que em geral desenvolvida em dissertações e teses acadêmicas e, dentro desse quadro, o livro de Loner se destacaria por trazer uma análise detalhada, em fontes documentais diversas, sobre a experiência desses trabalhadores livres – brancos e não brancos – e ao entrelaçar, em sua abordagem, as categorias de classe e raça. Essa perspectiva a inspirou ainda na investigação sobre as experiências de escravidão e do pós-abolição, especialmente em Pelotas, importante centro charqueador e escravista do Rio Grande do Sul. Foi a partir da sua experiência e de sua atuação na área que ela veio a participar ativamente em nossos eventos.

Em 2005 reeditamos o *Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional* em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foram realizadas 18 sessões de trabalho. Entre os diversos assuntos abordados sobre a experiência da escravidão, destacou-se o tema do pós-abolição. Vale destacar a importância da conferência proferida por Ana Lugão Rios intitulada *Memórias do Cativo: trabalho, identidade e cidadania no pós-abolição* e a apresentação, em primeira mão, do filme documentário sobre o mesmo tema. A experiência de escravos e libertos, as vivências negras no pós-abolição foram temas de vários outros trabalhos ali apresentados, inspirando diálogos profícuos com a pesquisa desenvolvida no LABHOI (Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense). As pesquisas eram variadas: sobre a trajetória de africanos livres, de intelectuais negros como Cruz e Souza, sobre associações de socorros mútuos, sociedades recreativas, sobre irmandades negras e festas religiosas, ou ainda, sobre os quilombos, a Frente Negra, sobre a precariedade da vida e da liberdade dos negros e, por fim, sobre racismo.

Foi nesse ambiente de debate que Loner se fez presente expondo o trabalho intitulado *Antônio: de Oliveira a Baobad*<sup>24</sup> no qual relatava suas pesquisas sobre a trajetória de um ex-escravo, liderança operária e étnica em Pelotas no final do século XIX. Na sua apresentação, Loner se mostrava interessada na história dos trabalhadores libertados no 13 de Maio e “suas tentativas de integração à sociedade

<sup>24</sup> LONER, Beatriz Ana. Antônio: de Oliveira a Baobad. In: II ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL – A experiência dos africanos e seus descendentes no Brasil, 2005, Porto Alegre/RS. *Anais* [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2015. p. 1-17. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos2/beatriz%20loner%20completo.pdf>. Acesso em: 30 out. 2019.

branca e capitalista”. Para além dos “condicionantes estruturais”, ela se interrogava sobre as possibilidades abertas aos sujeitos de fazer escolhas no contexto do pós-abolição. Incansável na pesquisa, leu entre tantos outros documentos e com muita atenção as crônicas do jornal *AA/vorada*, recuperando os passos de seu personagem na sociedade pelotense. Perspicaz na investigação, buscava compreender a trajetória de Antônio dentro de um contexto de lutas que fez com que lideranças como ele tivessem uma dupla militância, tanto operária em associações de classe quanto nas associações negras. Dessa forma, ela nos fez conhecer um indivíduo que viria a ser ao mesmo tempo uma liderança negra e socialista. Seu protagonismo se expressaria inclusive na mudança de seu sobrenome de “Oliveira a Baobad”, que simbolizaria a reivindicação de suas origens africanas, religiosas, assumindo-se como negro. A partir da trajetória particular de Baobad, Loner problematizaria o contexto em que os trabalhadores negros viveram em Pelotas no pós-abolição.

Nos anos seguintes, os *Encontros de Escravidão e Liberdade* foram sendo realizados bianualmente, alternando-se entre Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. O número de participantes foi variando no tempo, organizadas as apresentações entre 18 e 35 sessões.<sup>25</sup> O tema do pós-abolição foi aos poucos se densificando nos trabalhos, os debates foram sendo retomados e sucessivamente aprofundados. Em nossos *Encontros*, e durante mais de uma década, alguns assuntos foram recorrentes, tais como os quilombos, o associativismo negro ou sobre trabalho e condições de vida. Outros mais presentes em alguns momentos estariam ausentes em outros, tais como os debates em torno da Frente Negra, assim como temáticas mais originais também estiveram em foco, tais como os linchamentos. Nesse sentido, e para dar uma perspectiva geral dos temas apresentados, destacamos alguns assuntos presentes em nossos eventos: as vivências dos afro-brasileiros no pós-abolição; as experiências de vida tanto em bairros urbanos (territórios negros) quanto em comunidades rurais; diversas formas de organizações negras, desde irmandades, associações recreativas, mutualistas, entre outras, com forte aporte político ou cultural; festividades negras diversas, incluindo os trabalhos sobre música, danças e carnaval; estudos de trajetórias de intelectuais negros; imprensa negra; mulheres negras; a saúde e as práticas de cura negras e populares; acervos privados de fotografias de famílias negras; a formação de uma identidade afro-brasileira; abolicionismo; sobre a construção da memória e da representação dos negros; e, por fim, sobre raça e racismo, para citar apenas alguns temas.

<sup>25</sup> Foram 18 sessões em 2007, 27 em 2009, 28 em 2011, 27 em 2013, 28 em 2015, 35 em 2017 e 27 em 2019.

Em praticamente todos os nossos *Encontros*, Beatriz Loner esteve presente.<sup>26</sup> Seus trabalhos estiveram não apenas inseridos nos debates em torno do pós-abolição, mas mais do que isso, foram propulsores de muitos estudos, principalmente aqueles sobre associativismo e trajetórias negras. Em 2007, em Florianópolis, Loner viria a apresentar dois trabalhos. O primeiro era intitulado *Organização negra em Pelotas: características e evolução (1870-1950)*, e o segundo tinha como título *Os clubes carnavalescos negros de Pelotas*,<sup>27</sup> ambos em coautoria com Lorena Almeida Gill. Ambos viriam a dialogar com vários desses temas citados nos eventos, tornando sua participação muito ativa e qualificada nos debates. Cobrindo uma longa duração, Loner trazia para a discussão uma análise sobre a periodização e as diferentes fases percorridas pelas organizações negras em Pelotas. Partindo do período imperial, apontaria a importância das entidades negras para as lutas dos trabalhadores para se integrarem na sociedade, citando também ao lado de entidades mais recreativas aquelas com vocação mais política que objetivavam a valorização do trabalho manual. Os anos iniciais da República, no entanto, seriam marcados pelo fracasso das “visões integracionistas do elemento negro à sociedade como trabalhador” em favor de um deslocamento em direção das sociedades de cunho recreativo. Foi o período de organização de clubes teatrais, carnavalescos, futebolísticos, entre outros. A fase seguinte, já nos anos 1930, seria marcada pela atuação da Frente Negra Pelotense, que lutava pela educação e pela “elevação” do negro e denunciava fortemente o racismo. Na década seguinte, a denúncia contra o racismo e a discriminação perderia terreno em favor da defesa de uma mobilidade social alavancada pela educação, em um momento em que para os negros aumentavam “as possibilidades de inserção social em setores de classes médias baixas ou de operários especializados”. Ao construir um panorama da trajetória dessas organizações étnicas, Loner buscava refletir sobre a construção de uma identidade, no contexto de lutas por inclusão social, em um momento em que vigia fortemente a ideologia do branqueamento. Ao tentar perceber as tensões pertinentes a este processo, destacaria, por um lado, as propostas de integração social via adequação aos padrões brancos, e por outro, as tradições mais coletivas de inclusão social permeadas por reivindicações de classe e de raça. Por fim, queremos mencionar ainda o seu segundo trabalho apresentado

<sup>26</sup> Com uma única exceção no IV Encontro em Curitiba em 2009.

<sup>27</sup> LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena de Almeida. *Organização negra em Pelotas: características e evolução (1870-1950)*; GILL, Lorena de Almeida e LONER, Beatriz Ana. *Os clubes carnavalescos negros em Pelotas (RS)*. In: III ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL – A experiência dos africanos e seus descendentes no Brasil, 2007, Florianópolis/SC. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2007. p. 1-9 e p.1-8, respectivamente. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos3/beatriz%20ana%20loner%20e%20lorena%20almeida%20gill.pdf> e <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos3/lorena%20gill%20e%20beatriz%20loner.pdf>, respectivamente. Acesso em: 30 out. 2019.

naquele ano, no qual discorreu sobre os clubes negros, principalmente cinco deles atuantes entre 1916 e 1931. Ao discutir sobre o carnaval e a atuação dos clubes, sublinhava a importância deles para a construção das comunidades negras, desde a socialização das crianças, a valorização da beleza negra até a construção de estratégias matrimoniais.

Em 2009, em Curitiba, testemunhando o crescimento da pesquisa, a expansão das pós-graduações e a importância do campo do pós-abolição para a nossa historiografia, os trabalhos dentro desse campo aumentariam de forma contundente em nosso *Encontro*. Certamente sensível à ascensão dos estudos do pós-abolição e participando através de sua atuação enquanto professora e pesquisadora dos debates pertinentes à área, Loner se manteve próxima e atuante. Por volta de 2011, surgiu uma proposta para se organizar um simpósio reunindo exclusivamente os estudos do pós-abolição, testemunhando o volume expressivo das pesquisas e seu peso historiográfico. Loner foi uma das articuladoras mais importantes dessa proposta no Rio Grande do Sul, juntamente com o professor Karl Monsma, articulados ainda com outros parceiros nacionais, notadamente Hebe Mattos e Martha Abreu. Era, no entanto, também o momento de realizarmos o *V Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Àquela altura, o volume de pesquisas era tão expressivo que justificava a organização dos debates em fóruns distintos. Com o crescimento desse campo de pesquisa, Loner mais uma vez demonstrou sua capacidade de trabalho ao participar mais ativamente da organização do *V Encontro* em Porto Alegre e, ao mesmo tempo, na organização do *I Simpósio do Pós-Abolição*, que viria a ocorrer no Rio de Janeiro no ano seguinte.

Em 2011, em Porto Alegre, Loner, ao nos auxiliar mais ativamente na organização do evento, trouxe uma importante contribuição ao abrir uma possibilidade de diálogo com a historiografia argentina. A mesa redonda por ela sugerida discutiu a questão das fontes para o estudo da escravidão, com destaque para a participação de Miguel Rosal, convidado por ela especialmente para aquela ocasião. Ao lado dos estudos sobre a escravidão, o tema do pós-abolição continuou tendo uma representação expressiva. Loner, em sua apresentação, se colocou como uma interlocutora importante e criativa nos debates ao propor um tema original. Em sua exposição, ela abordou o caso de algumas pessoas, entre elas escravos, que ganharam um importante prêmio de loteria. Ao acompanhar a organização das loterias e as expectativas em torno dos sonhos de riqueza construídos a partir das premiações, Loner se indagava sobre os significados que os indivíduos atribuíam à liberdade, ao trabalho, as possibilidades de vencerem as “necessidades” da vida, enfim, sobre a capacidade de escolha dos indivíduos no final do século XIX. Ao

analisar as representações sobre a capacidade dos escravos e dos libertos de gerirem suas fortunas e seus destinos, terminava por destacar a importância da alforria e da autonomia para a população escravizada e liberta, ao mesmo tempo em que nos revelava um pouco da vida cotidiana em Pelotas no período.<sup>28</sup>

Em 2013, em Florianópolis, Loner nos apresentaria uma pesquisa de fôlego e bastante ambiciosa. Ela trouxe, na ocasião, uma detalhada investigação sobre a trajetória da família Silva Santos, na qual acompanhava quatro gerações, no intuito de perceber quais espaços sociais estiveram abertos para eles em uma sociedade tão conservadora quanto era a de Pelotas. Retornaria ao tema das trajetórias no evento seguinte, de 2015, em Curitiba, no qual ela apresentou um trabalho sobre Manoel da Silva Santos. Infelizmente, não se mantiveram em nossos anais as cópias de seus últimos textos, mas lembramo-nos bem do emaranhado de dados, as numerosas fontes consultadas e seu esforço em montar um enorme quebra-cabeças que pudesse nos representar uma imagem sobre os caminhos percorridos pelos indivíduos daquela família e, através deles, nos conduzir a uma reflexão sobre essa vasta história dos negros no pós-abolição.

Os trabalhos de Beatriz Loner apresentados em nossos *Encontros*, a interlocução que manteve em nossas numerosas sessões de trabalho, testemunharam sua importância para a pesquisa e a historiografia da escravidão, do pós-abolição, para a história dos trabalhadores. Seu legado restará inspirando a todos nós. Somos gratos pelo convívio nos *Encontros de Escravidão e Liberdade* assim como seus alunos e demais pesquisadores devem sê-lo ao se perscrutarem sobre a contribuição dela para a história desse tema no Brasil.<sup>29</sup>

## Considerações Finais

Buscamos destacar algumas contribuições que as pesquisas voltadas para o associativismo negro no período pós-abolição têm desenvolvido. Essa área de estudo tem crescido muito e apontado a mobilização da população egressa da escravidão como protagonista na luta pela sua sobrevivência. A mobilização não surgiu aleatoriamente, mas vinha da vida na condição anterior e se relacionava com

<sup>28</sup> LONER, Beatriz Ana. Loterias como passaporte para a liberdade: a sorte e seus eleitos no final do século XIX. In: V ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL – A experiência dos africanos e seus descendentes no Brasil, 2011, Porto Alegre/RS. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 1-18. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/loner%20beatriz%20ana.pdf>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>29</sup> Após a escrita deste artigo, tivemos acesso ao livro que publica alguns textos aqui citados e aproveitamos, então, para indicar vivamente a leitura: GILL, Lorena Almeida; KOSCHIER, Luiz Crizel. **A família Silva Santos e outros escritos: escravidão e pós-abolição ao sul do Brasil**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2019.

as demandas renovadas no pós-abolição. As pesquisas cresceram e apontaram a variedade de caminhos que o associativismo percorreu sendo um dos mecanismos de luta para obtenção de melhores condições de vida e acesso à cidadania.

A trajetória de pesquisa da historiadora Beatriz Loner é um exemplo de dedicação a esse tema tão caro à História do Brasil e, certamente, é também um aporte importante para a história dos trabalhadores. Graças a estudos como os dela e de muitos outros verificados nas universidades e programas de pós-graduação, nos é permitido conhecer e aprofundar as pesquisas que problematizam as reconfigurações espaciais e suas apropriações na composição da história do país. Loner muito auxilia, ainda, a repensar a construção de identidades sociais, ao perceber nas experiências dos sujeitos o entrelaçamento de várias categorias, tais como classe, raça, gênero, religiosidade, entre tantas outras. Não podemos deixar de mencionar, no contexto do Rio Grande do Sul, a força de um imaginário que construiu, por um lado, a representação de um estado branco e europeu e, por outro, o dotou de uma forte e expressiva tradição de luta contra o racismo, contra as mais diversas formas de discriminação e a favor de um país mais igualitário e cidadão.